

# O Que Os Une

Há vários motivos de ordem histórica e natural que conduzem às boas relações entre os Estados Unidos e a União Soviética. Senão, vejamos:

1) Os Estados Unidos e a URSS não têm qualquer litígio territorial ou pretensões a este ou àquele território. No passado, ainda sob o czarismo, a Rússia resolveu pacificamente com os Estados Unidos a questão do Alasca, hoje um dos Estados americanos.

2) Entre os dois países não há luta por mercados ou fontes de matérias-primas ou, ainda, por zonas de inversões de capitais. Embora aumentem as exportações da União Soviética, elas não são concorrentes das americanas. O grosso de seu comércio exterior ainda se faz dentro do campo socialista. A URSS fornece aos demais países socialistas algumas mercadorias que os Estados Unidos se recusam a vender-lhes, como instalações mecânicas e determinadas matérias-primas para a indústria.

3) A não ser depois da proclamação do Poder Soviético, com a instauração do regime socialista na Rússia (quando os E.U.A. acompanharam os intervencionistas ingleses, franceses, japoneses e outros contra a jovem República), os dois grandes países jamais entraram em conflito em toda a sua história. Ao contrário, mais de uma vez foram aliados. Na Segunda Guerra Mundial, sua potência material e mobilização humana foram decisivas para a vitória sobre a Alemanha hitlerista.

E agora? — É a pergunta que surge naturalmente ao término esta semana a visita do Vice-Presidente Nixon à União Soviética e ao encerrar-se a Conferência de Ginebra de Ministros das Relações Exteriores.

Nem a Conferência deu os resultados almejados, nem a visita de Nixon e suas conversações com Kruschiov conduziram a um acordo imediato sobre uma reunião de chefes de Estado das grandes potências.

Mas tudo indica que marchamos para esse encontro. As dificuldades são grandes, as divergências seríssimas de parte a parte — entre o Leste e o Oeste — além das contradições, que não podem mais ser dissimuladas, entre os próprios aliados ocidentais.

Se as divergências entre o Leste e o Oeste ameaçam o mundo com uma catástrofe atômica, as contradições entre os Estados Unidos e a Inglaterra, entre os Estados Unidos e a França, entre a Inglaterra e a Alemanha Ocidental, são sérios obstáculos à consecução de um acordo rápido entre o Leste e o Oeste.

## O CAMINHO MAIS CURTO

Faz isso mesmo, delineia-se, há tempo, como o caminho mais curto para um en-

tendimento que advira, pelo menos por um longo período, e perigo de guerra, uma aproximação entre a União Soviética e os Estados Unidos.

As tentativas feitas neste sentido pelas autoridades soviéticas vêm de longe data, pelo menos de um cinco anos para cá, ou seja, depois da morte de Stálin. Moscou tem insistido na tese de que, uma vez resolvidos os mais graves problemas pendentes entre a URSS e os E.U.A., as demais questões internacionais poderão ser solucionadas facilmente. E isto parece perfeitamente lógico. São os Estados Unidos e a União Soviética as duas maiores potências mundiais, tanto no sentido econômico como militar. São os dois pratos da balança de cujo equilíbrio depende hoje o paz mundial. O «punição» Nikita Kruschiov acaba de reafirmá-lo em discurso proferido no Ucrânia (Dnieperpetrovsk), enquanto Nixon estava no outro extremo da URSS, em Sverdlovsk, nos Urais. Observou com toda razão Kruschiov, referindo-se às relações americano-soviéticas: «SE OUTROS FAZES SE ATACAREM, PODERÃO SER SEPARADOS. MAS SE EXPLODIR UMA GUERRA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A UNIÃO SOVIÉTICA, NINGUEM PODERÁ DETE-LA.»

Alguém terá dúvidas sobre isto?

# URSS — E. U. A. PAZ OU GUERRA

# O Que Os Separa

Os motivos de atritos, no passado e ainda hoje, advêm das insistentes tentativas dos imperialistas norte-americanos de intervir nos assuntos internos da União Soviética e, depois da guerra, nos assuntos internos de todos os países socialistas.

Lembramos que somente na década de 30 os Estados Unidos reconheceram a URSS, isto é, quando se convenceram de que o regime socialista soviético estava sólido e instaurado e nada mais poderia derrubá-lo. Mas depois da segunda guerra mundial, os imperialistas americanos, ao lado dos ingleses, voltaram à sua pretensão de não admitir a coexistência com novos países socialistas. Aí se encontra a origem da guerra fria, proclamada por Churchill em seu famoso discurso de Foulton, no Canadá, em 1946.

Passaram-se 13 anos, as relações entre os Estados Unidos e os países socialistas melhoraram um tanto, ultimamente, mas ainda agora o presidente Eisenhower levanta no ar o cadáver do que convencionaram chamar «nações cativas», reafirmando o suposto direito de reclamar a sua liberdade. Acena assim aos reacionários com esperanças de restauração do antigo regime capitalista e semifeudal sob o qual viviam os povos do Leste europeu sob os governos corruptos dos Pilsudski, dos Karol, dos Antonescu, alguns deles mergulhados num atraso secular e na opressão.

Foi a falaz tentativa de restaurar uma ordem de coisas derrocada pela guerra e por transformações econômicas e sociais verdadeiramente revolucionárias que levou ao desencadeamento da guerra fria, de tão funestas consequências para a paz e que mais de uma vez tem conduzido o mundo à beira da guerra atômica.

Dai os problemas pendentes, como a falta, ainda hoje, de um Tratado de Paz com a Alemanha, a presença de tropas estrangeiras numa série de países europeus e asiáticos, a vasta rede de bases militares americanas em torno dos países socialistas.

trário, todas as principais dificuldades ainda se encontram na parte dos americanos juntamente com a Alemanha de Adenauer, que embora com uma guerra contra o Leste.

Não há também os que recitam uma suposta «tutela» dos dois grandes sobre o resto do mundo. Recelo infundado.

Os acontecimentos das últimas décadas revolucionaram não somente a ciência e a técnica, os meios de transportes e as armas de guerra. Revolucionaram igualmente a consciência dos homens. Os povos, mesmo os que se encontram em estágio mais atrasado econômico e culturalmente, como os da África, já não suportam mais tutela de qualquer espécie. Lutam pela sua liberdade. Já conquistaram-na mais de 1 milhão de afro-asiáticos. E os demais povos que ainda vivem sob a escravidão colonial ou em regime de semicolonias, como na América Latina, expulsam os colonizadores, derrubam ditadores e tiranos, lançam-se à construção de uma nova vida, como os braves cubanos de Fidel Castro. E os países imperialistas americanos estão bem perto e, no entanto, impotentes para intervir diretamente, como no passado.

## BANCARROTA DA POLITICA DE FORÇA

Hoje, está evidente a bancarrota completa da política de força ou "a beira da guerra" iniciada pelos imperialistas americanos há 13 anos. Essa política se baseava na possibilidade de intimidar-se a União Soviética e levá-la a aceitar imposições dos Estados Unidos e seus aliados de diversos pactos de guerra (OTAN, SEATO, Pacto de Bagdá, etc.). As ameaças de caráter militar à URSS responderam da única forma que poderia responder, a menos que capitulasse: assinando o Tratado defensivo de Varsóvia, que engloba o poderio dos países socialistas.

Enquanto os Estados Unidos detiveram o monopólio da arma atômica, ainda podiam esperar a aceitação de seu "diktat". Mas esse monopólio terminou há um decênio. Surgiram os foguetes teleguiados, de alcance intercontinental, ante os quais não há mais países invulneráveis numa guerra generalizada.

Desta forma, esboçamos a própria base em que se apoiava a política exterior dos Estados Unidos na segunda guerra.

Hoje só resta o dilema: guerra aniquiladora para o mundo ou coexistência pacífica.

## De quem depende o desenvolvimento?

Na Organização das Nações Unidas e em conferências internacionais, os representantes da União Soviética têm apresentado sucessivas propostas para a redução das forças armadas e dos armamentos e para a proibição das armas atômicas e nucleares.

As propostas soviéticas, até agora, têm sido rejeitadas. De sua sinceridade, nada melhor do que esta opinião de um experimentado diplomata norte-americano, ex-embaixador dos Estados Unidos na URSS, George F. Kennan:

"Estes convênios de que o governo soviético lamentou a introdução de armamento atômico no equilíbrio mundial de forças e que pelo menos até recentemente tem sido sincero seu desejo de ver abolidas das arsenais das diversas nações".

(Declarações perante a Subcomissão do Senado norte-americano para assuntos exteriores, a 4-11-1959).

É um depoimento absolutamente inusitado, e que mostra de quem depende hoje a proibição das armas atômicas, as armas que finalmente decidiriam qualquer conflito mundial em nossa época.

A URSS tem feito propostas igualmente concretas para a liquidação dos pactos militares ou para a assinatura de um acordo de não agressão entre o Pacto do Atlântico

Norte (OTAN) e o Tratado de Varsóvia.

A URSS deu seu apoio irrestrito à criação de uma zona sem armas atômicas no centro da Europa, proposta pelo Ministro do Exterior da Polónia Napietaki e que teve tão ampla repercussão em toda a Europa.

No entanto, bem há pouco, os Estados Unidos, assinaram acordos com a Itália e a Grécia para a instalação de bases de foguetes teleguiados em seus territórios.

Em resumo, a paz duradoura no mundo, a coexistência pa-

cífica entre os povos não serão possíveis enquanto prosseguir a corrida às armas atômicas e foguetes, enquanto houver países com tropas estrangeiras em seu território, enquanto subsistirem as inúmeras bases militares norte-americanas em todos os continentes e mares.

Mas se as duas maiores potências de nossos dias — os Estados Unidos e União Soviética — chegarem a um acordo relativo a estas problemáticas, incomparavelmente mais fácil será o entendimento entre as demais potências sobre as quais recai a principal responsabilidade na manutenção da paz mundial.

## ARGUMENTOS QUE NAO VALEM

Não quem objete não de-

## Inadmissível intervenção do Embaixador americano

Quando finalmente os Estados Unidos deixarem de intervir em nossos assuntos internos? Quando os embaixadores, americanos abandonarão o mau hábito de nos dar conselhos que não lhes pedimos para a orientação de nossa política exterior?

Estas as perguntas que surgem naturalmente ante as declarações em sua primeira entrevista coletiva à imprensa, do novo embaixador Moore Cabot, publicada quarta-feira última.

O objetivo evidente do embaixador foi fazer uma advertência ao Brasil de que não devemos cogitar sequer de uma mudança em nossa política exterior ante o desenvolvimento que se prenuncia da situação internacional.

Segundo o «Correio da Manhã», o embaixador disse textualmente: «Os Estados Unidos não interferirão absolutamente, na questão do relacionamento de relações do Brasil com a União Soviética.»

Seria possível imaginar-se semelhante declaração, por exemplo, em relação à URSS ou mesmo à Grã Bretanha? «Os Estados Unidos não interferirão...» Então, admite-se que os Estados Unidos podem intervir?

E mesmo com essa ressalva, o embaixador Cabot ainda fez uma advertência que é, de fato, uma intervenção em nossos assuntos domésticos, e acrescentou: «O Brasil, porém, deve pensar as consequências...»

Somos, por isso mesmo, sob tutela dos Estados Unidos para o embaixador americano, vir com semelhantes advertências de pai pro filho?

Institucionalmente, o Departamento de Estado ainda encontra em nosso país, em nossa política exterior con-

(Conclui na 14ª página)

# CRÔNICA INTERNACIONAL

## O Encontro Dos Dois Grandes RUI FACO

Os representantes máximos dos dois grandes vão finalmente encontrar-se. Esta a supliciosa notícia divulgada simultaneamente, a 3 de agosto, em Moscou e Washington. Notícia auspiciosa, é claro, para os que aspiram realmente pela paz, a solução pacífica dos problemas internacionais pendentes. Decepcionante para os aspiradores e principais interessados no prosseguimento da guerra fria.

Correspondências dos Estados Unidos não ocultam esse fato vergonhoso: membros do parlamento americano receberam com hostilidade a informação da próxima visita de Kruschiov à América e da ida de Eisenhower à União Soviética. Tais congressistas traduzem as intencionalidades de determinados círculos da alta finança norte-americana que lucram com a corrida armamentista, favorecida em proporções jamais vistas em tempo de paz nos dez últimos anos. Esses homens não admitem a dissolução do fortalecido pacto mundial e, portanto, a redução das tabelas destinadas a armamentos. As perspectivas de paz lançam uma sombra sobre seus febrilíssimos lucros.

Mas o fato mesmo de ter sido quebrado o gelo indica ter-se iniciado uma nova fase nas relações internacionais no sentido da liquidação completa da guerra fria e suas consequências. E se essas senhores hoje se esforçarem com os contatos iniciados entre os estadistas das duas maiores potências mundiais, é que as coisas não marcham de acordo com os seus desejos.

Sim, todo prenuncia a sua derrota completa, a derrota da política de força, pregada e seguida com resultados funestos para a causa da paz desde 1946, tendo como centro de irradiação os Estados Unidos. Tudo prenuncia a vitória da política reclamada insistentemente pelos povos: uma era de coexistência pacífica entre os dois campos em que se divide o mundo: o socialista e o capitalista.

A efetivação desta nova política significará o reconhecimento de que a guerra não será a solução das crises que ameaçam o capitalismo e que desagrégam o imperialismo, mas, ao contrário, poderá ser o seu fim. E que, portanto, o futuro caminho a seguir é o da coexistência pacífica.

Que este caminho não é fácil, todos o reconhecem, mesmo aqueles que durante anos o têm apontado como a alternativa à política da guerra fria e da guerra termo-nuclear. A maneira como reagiram aqueles congressistas americanos é um índice de que os imperialistas não renunciarão facilmente a seus propósitos de recuperação dos antigos domínios e da influência perdida nas últimas décadas. De que, portanto, não desistirão da guerra como fórmula tradicional de excitação de seus partidários.

Mas os tempos mudaram. As forças que vanguardizam a marcha da humanidade são hoje inavencíveis. E a poderosa influência dessas forças — encarnadas concretamente nos Estados socialistas e dispersas por todos os países — que incluem hoje os anuenciados encontros dos chefes das duas maiores potências: Kruschiov e Eisenhower. As visitas recíprocas equivalem, de fato, a conferências de cúpula, de há muito sugeridas para um debate sério da questão alemã, do desenvolvimento, das armas atômicas, das bases americanas e outros problemas que têm constituído ameaça permanente à paz mundial. Se E.U.A. e URSS chegarem a um acordo os horizontes clareiam. Todos os demais obstáculos serão vencidos.

# BRASIL, E. U. A. E URSS

Em discurso pronunciado há algum tempo, o Presidente Kubitschek afirmava que, dentro de alguns anos, o Brasil será a 4ª grande potência mundial, depois dos Estados Unidos, União Soviética e China.

As esperanças neste sentido se justificam plenamente. Entramos numa nova etapa de nosso desenvolvimento econômico. Industrializamo-nos. Começamos a abandonar a secular posição de país fornecedor de matérias primas e gêneros alimentícios, que nos mantinha em condição semicolonial.

Mas a esta política de desenvolvimento econômico, da qual justamente nos orgulhamos, precisa corresponder uma política internacional independente. E não a temos. Primamos pela ausência no debate dos grandes problemas internacionais de nossos dias. Fazemos o que os Estados Unidos nos mandam fazer, ou não fazemos o que nos impedem que façamos.

Há um decreto que aparece no mundo uma nova potência que se projeta rapidamente: a China Popular, com seus 650 milhões de habitantes e seu prodigioso progresso econômico. Mas como os Estados Unidos não reconhecem a China, por motivos de ordem política e estratégica, nós, lhes seguimos as pegadas. E embora os Estados Unidos (como todos os demais países realmente independentes e soberanos) mantenham relações diplomáticas e comerciais com a URSS, nós, nos obstinamos em desconhecer a existência de uma das duas maiores potências mundiais. Não temos relações com a União Soviética. E como se ela, com seus 215 milhões de habitantes, seus «spútniks», seus foguetes solares, suas maravilhosas conquistas no terreno do átomo pacífico, no domínio da instrução, simplesmente não existisse. Um decreto do Departamento de Estado o impôs um dia. E nós obedecemos cegamente, servilmente, ignorando os nossos próprios interesses, sob o pretexto idiota de um suposto «perigo comunista». Quando vizinhos da URSS com ela convivem há 40 anos e continuam países capitalistas, como a Finlândia, o Irã, o Afeganistão, a Turquia.

Não podemos, de forma alguma, acompanhar a corrida armamentista, fabricar armas atômicas, foguetes balísticos. Mas nos comprometemos em tratados militares com os Estados Unidos e lhes cedemos uma parte de nosso território — Fernando de Noronha — para as provocações bílicas dos imperialistas. A eles entregamos uma parcela vital de nosso futuro — as míseras atômicas. Dêmos importamos armas antiquadas. Envolvemo-nos em sérias provocações como as histórias ridículas de submarinos fantasmas, destinadas unicamente a aguarçar a tensão e criar uma palcos de guerra entre o povo brasileiro.

Já é tempo de dar por terminada essa fase triste de nossa política exterior, que reflete um período de dependência econômica do qual podemos nos libertar e estamos marchando para fazê-lo. Psicologicamente, o nosso povo não admite mais essa dependência. Exige não só desenvolvimento, mas desenvolvimento independente, soberania. Acima dos interesses egoístas de mais dadas de reacionários, devemos colocar os interesses supremos de nosso povo. Uma política exterior autônoma é uma questão de dignidade nacional.

### NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves  
Gerente — Guttemberg Cavalcanti  
Redator-chefe — Orlando Bonfim Jr.  
Secretário — Fragoso

**EDITORES**  
Almir Mota, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

**MATRIZ**  
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344

Gratuita: Av. Rio Branco, 257, 8º andar, S/805  
Endereço telegráfico —

**«NOVOSRUMOS»**  
ASSINATURAS  
Anual .... Cr\$ 280,00  
Semestral .. " 130,00  
Trimestral .. " 70,00  
Área ou sob registro, despesa à parte  
N. avulso .. Cr\$ 8,00  
N.º atrasado .. " 8,00..